

## TRADUÇÃO

## DE TEORIAS, POÉTICAS E SISTEMAS

*Jürgen H. Petersen*

Tradução: Benilton L. Cruz (UFPA)

Revisão: Günter Pressler (UFPA)

- **RESUMO:** *Petersen trata da descrição dos sistemas de narração empreendida como poéticas, que pela perspectiva da narração concebem-se como procedimento funcional. Aponta a forma como o supra-sumo dos elementos estéticos do texto literário e o avalia como sistema da narrativa.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Teoria; Poética; Sistemas.*
- **ABSTRACT:** *This text aims to show the several comprehension of the poetry in the western literary criticism. Petersen looking for a critical commentary about the studies of the theory of narrative. This focus permit a new kind of approaching the history literary theory and, further one, it allows na interesting point of discussion about the new kind of narrative systematical critics. In the concept of Petersen it is possible to figure out a point of reflexion about the recent history of literary critismen.*
- **KEY WORDS:** *Theory; Poetics; Systems.*

### Apresentação do texto de Jürgen H. Petersen *De Teorias, Poéticas e Sistemas*<sup>1</sup>

*De Teorias, Poéticas e Sistemas* de Jürgen H. Petersen é a introdução do seu livro *Sistemas de Narrativas. Uma Poética de textos épicos*<sup>2</sup>. O livro resulta de um estudo de três décadas acerca das narrativas e marca um ponto crítico na abordagem dos trabalhos anteriores sobre o Estruturalismo, sobre as propostas teóricas de Stanzel e Hamburger (dois autores traduzidos com obras significativas para o português). O autor propõe uma nova sistematização da questão da narrativa. O que

<sup>1</sup> Apresentação elaborada por Günter Karl Pressler da UFPA.

<sup>2</sup> J.H.Petersen. *Erzählssysteme. Eine Poetik epischer Texte*. Stuttgart, Weimar: Metzler 1993 (Metzler Studienausgabe).

nos interessa no contexto deste número da MOARA está em torno da reflexão sobre a poética. Petersen afirma que:

“a ‘Teoria da Prosa’ de Viktor Sklovskij não é uma teoria da narrativa, a ‘teoria da literatura’ de Wellek/Warren não é uma teoria literária e a ‘Teoria da Narração’ de Franz K. Stanzel não é uma teoria narrativa”<sup>3</sup>.

Não são teorias, são poéticas de um caráter particular, de um caráter descritivo que não cumprem as exigências de uma teoria que “leva mesmo à fundamentação reflexiva para um fenômeno empírico e visível”<sup>4</sup>.

Nas poucas páginas de Peterson descobrimos uma quebra frutífera da nossa facilidade de falar sobre teoria literária e de entender, p.e., o livro de Wellek/Warren como “bíblia” da teoria literária. O mérito de Petersen nos alerta para a sua proposta. Entretanto, essa proposta deve ser discutida com mais conhecimento, embora seduza não só pela abordagem própria de toda literatura crítica alemã sobre a questão da narrativa, mas também pelo seu posicionamento um pouco fora de moda da discussão do Estruturalismo e Pós-Estruturalismo.

Não é o momento justo para julgar essa posição empregada pelo autor. Mas aproveitamos essa contribuição como nova visão da poética e da teoria literária; o objetivo – como afirma Petersen – é uma interpretação melhor das obras poéticas.

\* \* \*

<sup>3</sup> Op. cit. p. 1.

<sup>4</sup> L. c.

## DE TEORIAS, POÉTICAS E SISTEMAS

Repreende-se as ciências humanas, elas teorizaram demais, então troca-se o conceito de teoria com o da abstração, também ainda mais com a idéia do dia-a-dia distanciado e da idéia do desconhecimento da vida. Na verdade, as ciências exatas desenvolveram não somente mais teorias do que as ciências humanas, porém em sua grande maioria mais concludentemente e por isso mais sólidas. Uma teoria em sentido restrito leva mesmo a fundamentação reflexiva para um fenômeno empírico e visível, uma teoria literária precisaria, por conseguinte, derivar a origem da literatura dos princípios primordiais ou reconduzir a coerência dos fenômenos literários para um sólido teorema. Isto quase nunca aconteceu e bem provável não logrará também no futuro. Pois seria de se pressupor que se soubessem definir concludente a natureza da literatura, ou seria de se constatar as relações sistemáticas, isto é, seria constatar as relações regulares entre os fenômenos literários. Ambas não são o caso. Para listar apenas três exemplos: a “Teoria da Prosa” de Viktor Sklovskijs não é uma teoria da prosa, a “Teoria da Literatura” de Wellek e Warren não é uma teoria da literatura e a “Teoria da Narração” de Franz K. Stanzel não é uma teoria da narração, pois em nenhum dos livros são derivados os objetos verificáveis de um princípio primordial e em nenhum são constatados fatos regulados e fundamentados em um teorema. Aqui não se trata de teorias, mas de determinadas poéticas.

Aquelas poéticas, que desde o final do século XV apareceram na Europa Central, eram normativas na mesma proporção como o *Livro da Poesia Alemã* de Martin Opitz e o *Ensaio para uma Poesia Cristã* de Johann Christoph Gottsched, eram regras e compêndios de instrução para o autor. Disso eles desviavam de seus antigos predecessores. Tanto a *Poética* de Aristóteles quanto a *Ars poetica* de Quintus Hortius Flacus, que

não entrou na História da Literatura com o verdadeiro título *Cartas aos Pisões*, podem ser entendidas como compêndios que impõem regras e normas, ambas de caráter descritivo: elas reúnem o que caracteriza a poesia e generaliza isso. Neste ponto forma-se por vez a *Poética* de Aristóteles como um modelo para livros de Sklovskij, Wellek/Warren e Stanzel, porém é compreensível diante do progresso geral do conhecimento de um lado e o domínio das assim chamadas ciências exatas do outro, que aumentaram as exigências para com a exatidão e sistematização para descrições na área de ciências humanas. Então, eles se dedicaram aos indicados estudos para uma classificação mais rigorosa, como se eles pudessem encontrar o torso da *Poética* aristotélica; e Stanzel empreende além disso a tentativa de desenvolver um modelo sistemático de descrição para compreender a poesia narrada, por exemplo uma tríade da assim chamada situação da narrativa, ele porém fracassa, porque ocorre-lhe um fatídico erro lógico sistemático, algo que deve ser ainda tratado adiante.

Ao mesmo tempo podem-se contentar as ciências humanas em geral e a ciência da literatura em especial ou com uma poética normativa ou com uma poética descritiva e rigidamente organizada, se elas não querem perder o contato com a exatidão de outras ciências. Elas devem se preocupar não apenas com um instrumentário conceitual exato, mas, de fato, também com um procedimento sistemático. Isso que até agora nunca aconteceu em medida satisfatória. A interpretação da obra poética executa-se ainda hoje na maioria das vezes em análise histórica e de conteúdo, o que não é um erro, mas é um defeito, enquanto falta tanto a exata compreensão do fenômeno textual e sua dependência entre si, quanto a uma compreensão sistemática das camadas do texto, as quais revelam primeiramente uma obra poética além de todos os conteúdos. Ainda mais: se a poesia caracteristicamente se diferencia de outras expressões da língua, provavelmente haverá menos diferença em conteúdo do que na

forma. Entretanto, dever-se-ia não só entender sob “forma” os gêneros, ou a divisão em capítulos, ou a escolha da métrica, etc., mas entender a forma como o supra-sumo daqueles elementos estéticos (sensuais), que não somente expressa a intenção, mas perfila o intento, isso mesmo como consenso, — pois através da apresentação estética, isto é, através da função afirmativa da forma se diferencia a obra literária de um texto informativo. Mais adiante essas questões serão discutidas no livro.

Como, entretanto, deve-se parecer um sistema de descrição, que compreende os fenômenos textuais poéticos, dos quais no início foram ressaltados, que eles estão sujeitos a nenhuma regra fixa? — De fato, um sistema de descrição pode ser eficaz somente aí, onde os objetos de descrição, por sua vez, são ordenados sistematicamente. Isto não é o caso na poesia e também na narrativa. Não há lei que junte a escolha do eu-poético (ou do narrador na primeira pessoa) com um determinado uso de tempo, nenhuma, que classifique, por exemplo, a combinação de uma certa postura de narração com um determinado ponto de vista do narrador, ou com um determinado extrato estilístico. Em qual sentido deve-se falar então de um discurso de um sistema poético, ou particularmente de “sistemas da narrativa” particularmente? A resposta seria: em um duplo sentido de funcionalidade.

Um sistema de descrição liga-se conjuntamente às categorias de descrição sob regras e leis. Disso, em nosso caso, não pode ser falado. Mas deixe-se bem desenvolver um quadro de todos os aspectos de descrição pensáveis, que além disso sejam ligadas uma com a outra em uma combinação funcional. As categorias do “ponto de vista”, da perspectiva de narração, do procedimento de narração e da postura de narração dependem funcionalmente juntas uma com a outra, isso significa, que uma categoria resulte de outra não necessariamente, mas funcionalmente. Em geral: o narrador ocupou um lugar, tão certo, porque ele quer descrever as coisas, os fenômenos ou as

personagens de uma certa perspectiva, do qual relacione seu procedimento de narração, que ofereça a base de sua postura de narração. Em particular: fica ao narrador à disposição do “ponto de vista” da onisciência, então resulta de caráter funcional um multiperspectivismo, também, por exemplo, resulta a perspectiva do narrador ausente, que permita ou sugira um procedimento autoral de narração, do qual, por sua vez, forma a base adequada para uma postura irônica de narração. Se assim um quadro de categorias foi desenvolvido, no sentido de uma ordenação funcional ou uma dependência das camadas diferenciadas, pode-se descrever sistematicamente um texto narrativo. O texto se deixa tratar então como sistema da narrativa, no qual todas camadas diferenciadas estão ligadas funcionalmente uma com a outra, as quais compreendem e estão ligadas com a ajuda do quadro categorial sistemático complementar.

Existem formas de expressão estéticas, não somente por si e para si, mas também no conjunto com aquilo que pode ser dito, a afirmação, o conteúdo próprio de um texto poético. Isto não é o “plot” mas o todo dos elementos da ação, do problema e das constelações de figuras, etc. que foram apresentados em uma determinada maneira estética. Em uma obra literária estão ligados funcionalmente todos os elementos um com o outro e se constituem como esta ligação das composições artísticas. A escolha da respectiva forma narrativa, de posição do narrador, de perspectiva de narração, de procedimento de narrativa, assim por diante, não está independente da tendência geral estética do texto, que ela mesma participa, como também o “conteúdo” elementos da ação, dos diálogos, das personagens, etc., não foram escolhidos e formados independentemente, por sua vez, desta direção estética. O ponto de vista dominante para a respectiva escolha dos elementos diferenciais do sistema de narrativa forma o todo do efeito estético intencional, — contanto que este deva

depender acima de tudo de intenções. Aí, atua conjuntamente, em todos os seus elementos textuais, ele é, diante da descrição dos sistema de narração, não apropriado de se fazer prender com sucesso. Mas, parcialmente se deixa trazer aos olhos e à língua: exatamente já com conceitos como “temática”, “intenção do texto”, “sentido” e assim por diante. A descrição de um sistema de narrativa atende por isso também a temática e ao conteúdo de uma obra épica e, na verdade, como ponto de orientação para a estabilização de uma ordem funcional de todas as camadas textuais que se constituem com a ajuda das categorias de narrativa.

A oportuna apresentação se oferece assim mesmo, apesar do esforço na sistemática categorial, na distinção terminológica e explicações estéticas, não como teoria da narrativa, senão como poética descritiva de textos narrativos de ficção. Ela se submete na tentativa de apresentar toda a apreensão do texto em sua necessária categoria e organizar funcional entre si. Assim, ela diferencia aqueles aspectos, que são fundamentais no sentido que ela toque (‘plano’) em questões gerais da poesia e da poetologia, dos quais, tenham o exclusivo caráter épico específico (‘projeção’). Então, a conclusão do sistema de descrição aqui desenvolvido estará provada somente na prática interpretativa, que segue uma parte extensa, na qual o sistema de descrição é aplicado na análise diferencial das obras épicas. Disso, junta-se o debate com as importantes poéticas concorrentes, em particular com a de Hamburger e a de Stanzel, mas também com Lämmert, Weinrich e outros. O debate finaliza o estudo, porque somente assim pode ser apresentado o sistema em si e o debate precisa seguir sem falta com outras propostas de descrições o apresentado sistema em si em vista de sua aplicabilidade. Pois uma poética, nesse sentido, aqui exposta possui seu direito acima de tudo no objetivo de uma interpretação mais exata do que possível da obra poética.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

A Revista MOARA aceita propostas de artigos. Todas as colaborações são submetidas à Comissão Editorial, a quem cabe a decisão final sobre sua publicação. A Comissão reserva-se o direito de sugerir ao autor modificações de *forma*, com o objetivo de adequar os artigos às dimensões da revista ou a seu padrão editorial e gráfico.

## PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

Os trabalhos, obrigatoriamente *originais*, devem ser enviados em *DISQUETE* (cada artigo deve ter no máximo *dez páginas*), digitados em computador versão IBM (recente), usando-se programa *Word for windows* (fonte 12 em *Times New Roman*; espaçamento simples).

Ao disquete, apor uma etiqueta contendo o *nome do(a) autor(a)*, o *título do trabalho* e o *programa utilizado*.

Observação: o disquete não será devolvido a(o) autor(a), que deve manter seu arquivo para as modificações sugeridas pelos pareceristas.

## APRESENTAÇÃO

A apresentação dos trabalhos deve obedecer à seguinte seqüência:

## a) Cabeçalho do artigo (primeira folha no alto)

– Título (e subtítulo se necessário em português e *inglês* ou *francês*)

– Nome(s) do(s) autores, na ordem direta:

Ex.: *Célia Brito*

– Filiação institucional – local de atividade de cada um dos autores, colocado abaixo dos seus nomes.

Ex.: *Célia Brito*

*Universidade Federal do Pará*

– No rodapé da página poderão ser apresentadas informações sobre o trabalho e menção de auxílios institucionais se for o caso.

## b) Resumos (antecedendo o texto)

Síntese do conteúdo do trabalho com um máximo de 150 palavras, redigida de acordo com a NB-88, da ABNT. Os resumos em *português* e *inglês* ou em *português* e *francês* devem ser acompanhados de *três palavras-chave* (em *português* e *inglês* ou em *português* e *francês*).

## c) Texto

O texto sempre que possível deve obedecer à seguinte divisão: *introdução*, *desenvolvimento do tema*, com as divisões a critério do autor e *conclusão*.

## d) Notas (não bibliográficas)

Devem ser colocadas no rodapé das páginas. As remissões para o rodapé devem ser feitas por números arábicos, na entrelinha superior.

## e) Citações Bibliográficas

As citações no texto deverão ser feitas de duas maneiras:

- sobrenome do autor em caixa baixa seguido da data de publicação e da página quando for necessário, entre parênteses.

Ex.: Segundo Saussure (1990, p.13), “a Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências”;

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.7, p.1-137, jan./jun., 1997

- sobrenome do autor em caixa baixa, data da publicação e da página, quando for o caso, tudo entre parênteses.

Ex.: “A Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências” (Saussure, 1990, p.13).

As citações devem ser feitas como segue:

- *um autor*: Bosi (1993);
- *dois autores*: Simões & Golder (1995);
- *três ou mais autores*: Bastos et al. (1981);
- *se for citada mais de uma publicação do mesmo autor com o mesmo ano, usa-se alínea*: Pinto (1990a), Pinto (1990b), etc.;
- *para as citações indiretas usa-se a expressão “apud” (citado por)*. No texto: J. M. Costa ap. Freitas (1980). Na referência bibliográfica deve constar apenas a obra consultada;
- *obras sem autoria*: Manual de Teoria... (1985).

## f) Referências Bibliográficas

Lista em ordem alfabética das obras citadas no texto. As referências devem vir localizadas imediatamente após o texto. Devem ser feitas conforme o tipo de publicação, obedecendo à seguinte ordem dos elementos:

- *Livros e outras monografias*

Ex.: TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

- *Parte de obra (capítulos, fragmentos, volumes)*

Ex.: GOMES, Severo. Informática e soberania. In: BENKOCHE, Rabah, (org.). *A questão da informática no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 167p. p.30-36.

- *Artigo de Periódico*

Ex.: GOMES, Sonia Pedrosa, ALOIA, Miriam. *Referências bibliográficas: algumas sugestões*. Boletim Abdf. Brasília, v.6, n.2, p.21-31, abr./jun.1983.

- *Artigo de jornal*

Ex.: JOB, Fernando. Munique está em festa. *O Liberal*. Belém, 19 set 1990, p.4, cad.1.

- *Trabalho de Congresso ou similar (publicado)*

Ex.: TARGINO, Maria das Graças. Bibliotecas universitárias e prestação de serviços: a irreverência do óbvio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991. Salvador, Anais... Salvador: APBED, 1991, v.1, p.400-405.

## g) Ilustrações

As figuras (desenhos, gráficos, mapas, esquemas, organogramas, fórmulas, etc.) com suas legendas devem ser claramente legíveis. Devem indicar: autor, título abreviado e sentido da figura. Legenda das ilustrações, nos locais em que aparecerão as figuras, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos e iniciadas pelo termo FIGURA. As tabelas serão encabeçadas e citadas como tabela, com título auto explicativo, colocado acima da mesma.

\*\*\* Importante: *todos os trabalhos devem ser revisados por seus autores antes de serem submetidos à avaliação.*